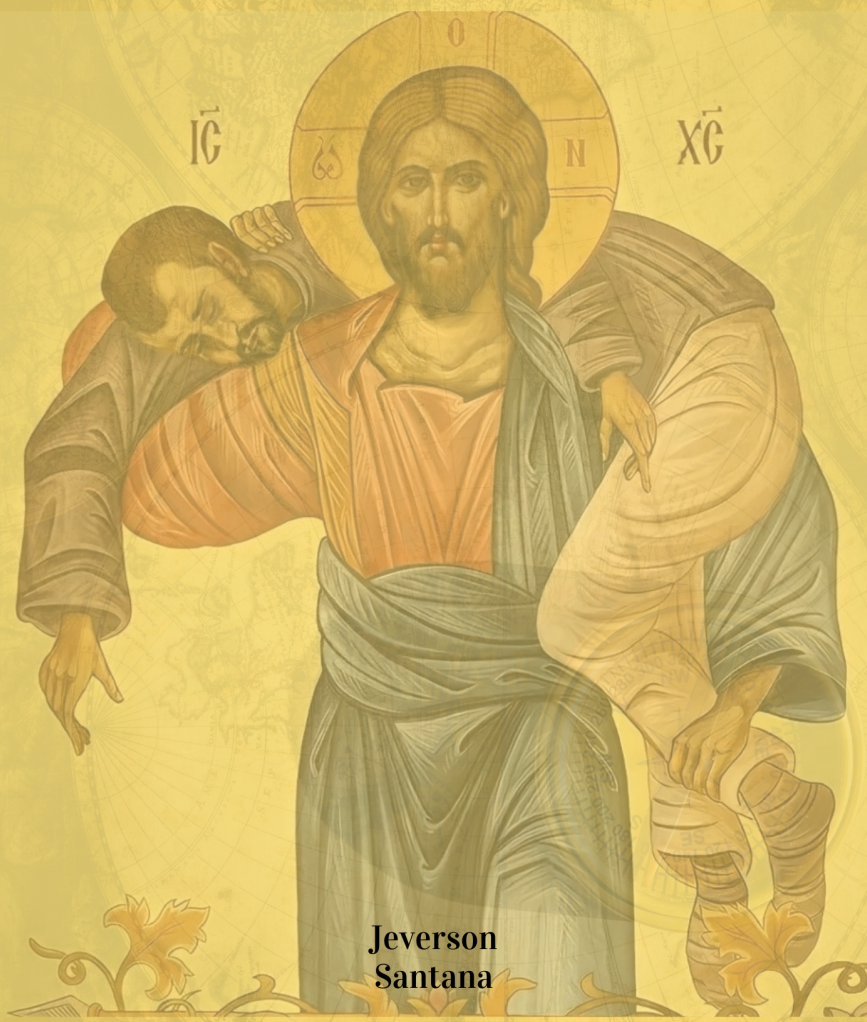


TEOGRAFIA

COMO JESUS CRISTO CONDUZIU-ME
POR MINHA HISTÓRIA.
COMPREENDER ISSO, É
RESSIGNIFICAR MINHA VIDA.



Jeverson
Santana

T E O G R A F I A

Como Jesus Cristo conduziu-me por minha história.

Compreender isso, é ressignificar minha vida.

Jeverson Santana

2023

O sofrimento, seja grande ou pequeno, ocupa a alma do ser humano, o consciente humano. Daí resulta que o “tamanho” do sofrimento humano é algo bem relativo.

Frankl (2016)

Copyright © 2023 de Jeverson Santana

Todos os direitos reservados. Esta obra (Física e ebook) ou qualquer parte dela não podem ser reproduzidos ou usados, de forma alguma, sem autorização expressa do autor ou editor, exceto, pelo uso, com referências, em citações breves ou resenhas.

Primeira edição, Goiânia-GO. 2023.

ISBN IMPRESSO: 978-65-00-77-532-7

ISBN DIGITAL: 978-65-00-77491-7



*Agradeço a Deus
pela família que Ele
me concedeu e, à
minha família por ter
me levado a Ele.*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
INTRODUÇÃO:	10
PARTE I – MINHA HISTÓRIA	14
A infância	14
Minha adolescência	26
O matrimônio	31
Em busca de um recomeço	56
Buscando Deus.	59
PARTE II – EM BUSCA DE UMA RESSIGNIFICAÇÃO	64
Reescrevendo a minha história a partir de Jesus Cristo.	64
O amor de Deus.	72
Uma proposta de reconstrução	77
A ponte, e o cristão.	82
Relembrar e fazer memória	92
Nossa verdadeira luta.	97
O perdão	104

Consequências da fragmentação	109
A luta continuará, e será constante.	112
Me escondia ou enfrentava?	115
Segunda experiência	121
Quero ver a Deus.	125
Uma escolha por amor.	127
A Expressão do amor de Deus.	137
Um sentido existencial	141
PARTE III - TEOLOGIA	157
A liberdade do Evangelho de Jesus Cristo	157
Cartas paulinas e a liberdade	162
Fragmentação do ser humano	168
Saúde mental	172
Integridade física e espiritual	174
Liberdade e sentido	178
Aplicando os ensinamentos de Jesus	182
Saúde mental e espiritualidade.	185
Doença e possessão	189

Teografia	193
SOBRE O AUTOR	200
REFERÊNCIAS	201

APRESENTAÇÃO

O sofrimento é uma característica do ser humano. Naturalmente, cada indivíduo tem sua própria carga a ser carregada, mas o “peso” é muito relativo. Sofremos, mas a intensidade e a duração do sofrimento estão diretamente ligadas ao nosso posicionamento diante deles.

A Teografia é uma busca por compreender, dar significado, as marcas que Deus deixou, e ainda deixa, diariamente, em minha trajetória.

Saliento que o presente relato não pode ser entendido como uma história de romance, mas sim como uma narrativa de um amor crucificado, que, por sua vez, coloca o bem em último lugar.

A indiferença não pode estar presente diante do sofrimento alheio. Cada indivíduo tem uma forma particular de expressar a sua opinião diante das dificuldades que a vida nos apresenta. A intensidade do meu sofrimento é exclusiva minha e, conseqüentemente, a dor do outro não pode ser ignorada, por mais que possa parecer superficial para nós.

A intenção desta obra não é a de esquecer-los, a amnésia não é uma solução adequada. O que se busca com a presente narrativa é encontrar e ressignificar as

dores de nossas histórias, pois, mesmo existindo, mesmo machucando, é possível ver algo de positivo e motivador em cada história vivida.

Por mais que nossa história nos tenha causado lágrimas e sofrimentos, há um Deus que caminha conosco e que, por tanto nos amar, deseja que tenhamos vida, e vida plena.

Uma coisa é ter uma vida sem sofrimentos e se esforçar para atingir este objetivo, mesmo sabendo que, mais cedo ou mais tarde, as tempestades surgirão. Esta é uma atitude benéfica, mas outra bem diferente é permitir-se afundar cada vez mais no buraco deixado pelas intempéries da vida, justamente naqueles que não temos controle.

Não se trata de esconder ou negar que as feridas não existem, nem de ficar lambendo as cicatrizes, mas sim de assumir uma postura positiva diante das experiências vividas e seguir em frente.

Os momentos adversos sempre surgirão, seja por culpa nossa, seja por fatores externos à nossa vontade, mas, com toda a certeza, eles existirão. Não se trata de se proteger para inibir a ocorrência de problemas cotidianos, mas, antes, de se posicionar positivamente diante dos desafios enfrentados no dia a dia.

Apesar de não podermos evitar todos os problemas da vida, ao procurar a companhia ideal, podemos aprender a lidar com eles adequadamente.

Por fim, posso afirmar que os eventos que me ocorreram são menos relevantes que as atitudes que tomei diante deles. Somente a partir da espiritualidade cristã, pude entrar na minha história sem me perder na sua profundidade obscura de minhas dores. Dessa forma, o presente relato tem em vista demonstrar que, ao caminhar com Jesus Cristo, podemos, sim, desfrutar plenamente do presente, apesar da nossa trágica história.

INTRODUÇÃO:

A presente autobiografia são fatos vividos e suportados da maneira pela qual era possível naqueles dias e, no transcorrer destas linhas, muitos terão suas próprias vidas refletidas nestas páginas porque não se trata de um fato inédito, mas vividos por muitas pessoas no seu anonimato.

Possuo uma superficial formação em psicoterapia, logoterapia, psicologia positiva e, a formação acadêmica é em Teologia, especialização em Direito Matrimonial Canônico e em Terapia Familiar Sistêmica. Portanto, as linhas seguintes testemunham uma direção: Jesus Cristo.

Necessário expor que nunca devemos atribuir a Deus os fatos ocorridos em nossas vidas. Primeiro, porque nossa liberdade custou a vida de Seu filho Jesus, segundo, somos responsáveis pelas consequências de nossas ações ou omissões, sejam elas pessoais, ou comunitárias.

A vida é como uma casa que, a cada marca, deixa novos remendos e, olhando para toda minha história, percebi que perdi muitos anos e empreguei grandes forças para realização de reformas, tapando rachaduras, tentando ser uma casa diferente, mais nova, melhor adequada aos tempos hodiernos e, portanto, mais agradável aos olhos de todos.

Gradativamente, percebi que seria necessário não somente reformas, mas que minha vida fosse reconstruída desde minhas fundações, desde a preparação para o terreno, e que esta preparação não cabia a mim, mas à Graça do amor de Jesus Cristo, que me fez ver que eu não posso ser uma casa diferente, eu sou um homem nascido em julho de 1974, com uma bagagem própria herdada de minha família e influenciado pelos valores morais da época e, portanto, tenho design único. Não importa minhas reformas frustradas que ocorreram em tentativa de salvar minha vida, a partir do momento que acreditei que somente Jesus iria me reconstruir, me abandonei em Seu amor e, também nesse abandono, conto com Ele para as linhas seguintes.

Minha história não é a mais trágica, mas também não foi, e não o é, um conto de fadas, ao buscar um sentido para minha vida também pude notar que as pessoas possuem sua própria medida de pólvora, e o que realmente importa, e o nos faz únicos, é como cada um cuida de seu próprio pavio.

Desde o ano de 2010 tenho muita vontade de relatar minha história, quem sou e como foi a batalha para me livrar de doenças psíquicas e descrenças, buscando, inicialmente, por meio da razão, um sentido que pudesse explicar meus quase 23 anos de sofrimentos angustiantes, desonra, nenhuma autoestima sem forças¹

¹ Minha capacidade de decisão deixou de existir a ponto de que ao desejar o fim da vida, esta decisão não implicava concretamente em nenhuma ação imediata, pois levavam dias para eu acreditar em mim mesmo e no que eu havia decidido para mim.

nem mesmo para desistir da vida, mas somente quando verdadeiramente tive um encontro com Jesus Cristo por meio da manifestação de Seu amor e Sua misericórdia, pude retornar a minha própria história sem me perder nos labirintos que nela existem, nem trazer para o presente os sofrimentos pretéritos sem causar danos em meus sentimentos, pensamentos e em meu humor.

Tanta demora para escrevê-los se deu primeiramente por vergonha de expô-los, depois, por medo de revivê-los, pois já havia lutado muito para deixá-los no passado, esquecidos, fingir que eles não existiram, acreditava que esta era minha opção. Porém, o que mais pesou e me desmotivou reviver minha história foram as forças contrárias que me puxavam para a não realização desta tarefa. Parece que, ao tentar escrevê-las, algo de ruim sempre acontecia me impedindo de dar continuidade a este relato.

Foram incontáveis vezes que me peguei, por desesperança, em tentativas de suicídio. A morte parecia talvez ser a opção mais próxima, pois já não havia, por longos anos, esperança de uma vida que justificasse minha existência.

Ao expor minha história, tenho a intenção de colocar os relatos o mais próximo possível do ocorrido, segundo minha capacidade em recordar os detalhes e reinterpretar os sentimentos. Busco não somente auxiliar de alguma forma os que, como eu, estão navegando em busca da plena realização existencial, mas também me ver completamente livre destas prisões por meio do

compartilhamento e, evangelizando, servir como indicativo ao farol, Jesus Cristo, para aqueles que assim o desejarem seguir.

Para mim não é mais possível esconder minha história, pois isso seria o mesmo que esconder quem sou, no mais íntimo de meu ser, e não me conhecendo, não sendo eu de verdade, não me pertencendo, não posso doar-me, não posso ser alguém. Quem não conhece a si, é difícil justificar sua existência.

muito confiante. Gostava de tê-la por perto. Então, subitamente, no final de uma aula, em uma sexta-feira, perguntei a ela:

— Você quer namorar comigo! Ser minha namorada?

— Só se você for lá em casa pedir para meu pai

— Disse ela, com um belo sorriso no rosto.

No próximo domingo, fui à residência dos pais dela e, no ônibus, ensaiei as palavras que usaria naquele momento. Era a primeira vez que fazia isso e eu me sentia bastante confiante. Quando cheguei, foi a mãe dela quem me atendeu na porta e, então, pedi para falar com ela que, ao me ver, mostrou-se muito surpresa com minha presença como quem não estava acreditando dizendo, você veio mesmo! A sua mãe pareceu estar “assustada” com a situação e, ao explicar-me o motivo da minha visita, me conduziram ao pai dela, que estava na cozinha. Ao chegar, percebi um indivíduo de porte considerável, barbado, sem camisa e sem sandálias, sentado na mesa de madeira com uma garrafa de cachaça. Naquele instante, pensei: não foi uma boa ideia ter vindo até aqui, estou perdido.

Mas, ao começar a conversa com ele, pude perceber o quanto era bom receber conselhos, o quanto era bom ter uma figura paterna que nos protege e orienta. O quanto era bom ouvir aquela voz, dizendo “a vida não é bem assim”, claro, naquele dia nós não nos tornamos namorados, mas eu saí da casa dela com uma sensação

muito positiva, aquele pai ao não permitir nosso namoro, demonstrou muito zelo pela filha dele, e também por mim, isso foi um fato ótimo, uma experiência muito positiva.

Infelizmente, na próxima semana, quando encontrei com aquela garota na escola, ela me disse que seria transferida de escola e que sua mãe já havia resolvido toda papelada. A razão pela qual ela foi transferida era a possibilidade de que eu e ela iniciássemos um relacionamento escondido. Essa foi a última vez que a vi. Meu primeiro amor partiu e agora suas recordações só existirão nas canções românticas que ouvíamos juntos, compartilhando o mesmo fone de ouvido do meu walkman.

No que diz respeito à minha formação espiritual, sempre fui extremamente dedicado ao aprendizado e à participação litúrgica, o que explicava minha vontade em sempre participar, também, dos cenáculos rezados em casas da região. Nesse ambiente, adquiri o despertar para a vocação para ser um sacerdote. No entanto, como essa decisão não implicava necessariamente uma ação imediata, procurei um sacerdote para obter informações e ele me orientou a trabalhar esse desejo, colocando o destino de minha vida em oração.

Fiz isso, mas quando via um sacerdote celebrando uma missa, eu me sentia no lugar dele, no altar. Sem saber bem o que era aquele desejo, se um sonho ou um fascínio, sempre tive em mente que ser ordenado sacerdote era a minha vocação.

Minha adolescência

No último ano do ensino médio, conheci uma menina dois anos mais jovem, de cabelos pretos encaracolados, belas fisionomias, mas, o que realmente me chamou a atenção, não foi atração nem beleza física, mas, sua comovente história.

Minha identificação com a vida daquela menina foi algo que não possui palavras e, atualmente, seria muito frágil tentar encontrar um sentimento que explicasse o motivo que me levou a criar um relacionamento de amizade com ela.

Como amigos, passei a acompanhá-la do colégio até onde ela morava provisoriamente, pois dormia na casa em que trabalhava como empregada doméstica, aquela casa ficava bem próximo à escola, cerca de dez minutos de caminhada e, durante àqueles trajetos ela me relatava dia após dia que, apesar de sua pouca idade, não queria morar com seus pais, porque seu pai era um alcoólatra e já chegou a oferecê-la a amigos de botecos, em troca de cachaça e, por diversas vezes, seu pai dizia que ela nunca, seria alguém na vida que ela “não prestava” e “nunca se tornaria uma mulher de família”.

Contou também que presenciou muitas vezes seu pai tentar matar sua mãe com um facão e, por outras vezes,

também as próprias filhas (ela possuía duas irmãs), além disso, o pai não trabalhava e a mãe tinha que pedir alimentos na rua para sustentar todos em casa e, ainda trabalhava com capina de terrenos e faxina para o sustento mínimo das filhas.

Certamente, uma vida muito precária, numa família desestruturada e, foi isso que obrigou então aquela jovem a procurar um emprego desde cedo, de faxineira doméstica e que, de preferência, fosse possível morar no trabalho, pois isso possibilitaria sua alimentação e evitaria despesas com deslocamentos.

Passado algum tempo, começamos a namorar e, então, passei a incentivar e conduzir aquela moça para a igreja, participar da missa, receber a eucaristia, fazer crisma, entrar mesmo em uma vida espiritual, pois eu acreditava que isso a ajudaria muito com sua história de vida, porque, até aquele momento, não tinha nenhuma vivência religiosa.

Decorridos seis meses desde que começamos a namorar, descobri que ela não queria ser minha, somente minha, e vivia procurando aventuras românticas com outros rapazes, encontros estes que percebi apenas tardiamente e, dos que tive conhecimento, foram cinco vezes.

Como ainda era virgem e era meu terceiro namoro, decidi não mais estar com aquela jovem, pois havia se decidido por seguir outra direção em sua vida, e preferia caminhar por si mesma, então terminamos o namoro.

Não tive a oportunidade de compreender adequadamente as mulheres com quem namorei, pois acreditava que ser um bom namorado significava ser um homem fiel, que a respeitasse, companheiro de caminhada, que as auxiliasse a crescerem e que pudessem conversar sobre a vida. No entanto, infelizmente, os amigos que se deram bem com as mulheres foram aqueles que as beijavam sem compromisso de namoro e, mantinham relações com mais de uma garota.

Comecei a acreditar que os bons costumes não se aplicam aos relacionamentos.

Após o término com esta última namorada, decorridos dois meses, em um domingo, eu estava na igreja assistindo à missa e pude ver aquela jovem do outro lado da igreja. Gostei de tê-la visto ali, pois esta participação já seria um fruto do qual contribuí na vida dela, continuei com minha participação na celebração e, ao término, saí rapidamente da igreja e fui diretamente para casa evitando encontrar-me com ela.

Como já tinha concluído o segundo grau e não ia mais ao colégio, aquela moça foi até minha residência para se reconciliar e, após muitas promessas e pedidos de perdão, disse que seria uma pessoa diferente, caso merecesse meu perdão, me dizendo que eu havia sido tudo o que de melhor aconteceu na sua vida. De acordo com seu discurso, ela demonstrava uma vontade sincera de mudar de vida.